

O DISCURSO INDIRETO LIVRE E A ONISCIÊNCIA SELETIVA MÚLTIPLA EM *MADAME BOVARY*: UMA BREVE EXPLANAÇÃO

Mateus Rodrigues de MOURA¹

O Realismo, consoante Moisés (2013), consolidou-se como escola literária na França e justamente com a publicação de *Madame Bovary*, de Flaubert, em 1857, sendo este escritor considerado um dos precursores do Realismo. Este estilo literário possui uma vertente extremamente antirromântica, buscando retratar, dessa forma, a “realidade cotidiana, com a abordagem dos problemas sociais, políticos, econômicos e psicológicos” (ABDALA JÚNIOR; PASCHOALIN, 1994, p. 100).

Referente aos conceitos a serem utilizados, sabe-se que o discurso indireto livre – a partir de agora, DIL – possui a particularidade de conter dois tipos de discurso e um único tempo, ou seja, “ele é formulado pelo narrador, segundo seu ponto de vista, porém, contém palavras e expressões que só poderiam ser ditas pelo personagem” (TEDESCO, 2003, p. 87).

Nas palavras de Maingueneau (2008), o DIL mistura marcas atribuíveis à voz do narrador distanciado e outras às vozes dos elementos ficcionais do romance. Desse modo, este tipo discursivo “evita tanto a oralidade pura do discurso direto quanto a tomada de distância do puro discurso indireto, que teria absorvido palavras das personagens nas do narrador, apagando a alteridade linguageira [das personagens]” (p. 28).

Por fim, outro conceito relevante será o foco narrativo abordado nesta resenha: Onisciência seletiva múltipla (*Multiple selective omniscience*), isto é, conforme a tipologia de Friedman:

Não há propriamente narrador. A história vem diretamente, através da mente das personagens, das impressões que fatos e pessoas deixam nelas. Há um predomínio quase absoluto da cena. (...) agora o autor traduz os pensamentos, percepções e sentimentos, filtrados pela mente das personagens, detalhadamente... (LEITE, 1985, p. 27)

¹ Endereço eletrônico: teu.moura10@gmail.com

² Acréscimo meu para a contextualização do presente trabalho.

Assim sendo, a partir dos pressupostos acerca do DIL e do foco narrativo de onisciência seletiva múltipla, buscar-se-á analisar brevemente trechos para caracterização de tais teses e apresentar o modo como se dão tais recursos inovadores, para a época, na obra de Flaubert.

Entende-se que o discurso indireto livre, em suma, é como um registro de fala ou pensamento de uma personagem a partir do próprio narrador, misturando, portanto, ambos as enunciações.

Gustave Flaubert, romancista realista francês, é estimado pela crítica literária como um precursor de tal estilo, trazendo a *Madame Bovary* maior material de subjetividade das e nas personagens. Como exemplificação, temos um dos vários momentos deprimentes de Emma, no qual ela desiste de seu principal *hobbie* devido à decepção com marquês d'Andervilliers: “Abandonou a música. Para que tocar? Quem a ouviria?” (FLAUBERT, 1998, p. 67).

Este fragmento acima é um bom exemplo de DIL por apresentar, em parte, um discurso indireto pela narração da atitude de Emma “Abandonou a música”, mas, também, uma marca de um discurso direto, a saber, “Para que tocar?”, a qual pode ser compreendida como uma expressão própria da personagem. Para além disso, a ausência de elementos locucionários específicos como travessão e/ou dois pontos, o emprego da terceira pessoa do singular (ele/ela) e o uso de verbo no futuro do pretérito (“ouviria”) permitem a diluição de discursos e, com isso, a combinação do direto com o indireto, dando a impressão de que a personagem – Emma Bovary – e o narrador falam simultaneamente (ROSA; SOUZA, 2009, p.764).

Complementando a análise desse trecho, temos a questão do próprio narrador, o qual, ao permitir a discursividade da personagem em sua fala, faz com que este saiba e relate aspectos subjetivos deste elemento ficcional – Emma – e torne a própria narração mais fluida e focalizada na exteriorização dos pensamentos e reflexões depressivas resultantes de sua decepção amorosa e platônica com marquês, mas que, ao mesmo tempo, parecem ser do próprio narrador, apresentando certa duplicidade de sentido no fragmento supracitado.

Outra exemplificação sequencial ao excerto anterior é o seguinte fragmento: “Deixou no armário seus papéis de desenho. De que valia aquilo?” (FLAUBERT, 1998,

p. 67). Aqui, novamente, temos uma ambiguidade discursiva, uma vez que o questionamento feito não fora explicitado por marcas locucionárias como um travessão para discurso direto, mas, apenas, como um excerto sequencial à descrição indireta por parte do narrador acerca dos atos de Emma: “Deixou no armário...”.

Isto é recorrente no mecanismo de DIL porque “as enunciações perdem a nitidez de seus contornos, misturam-se umas nas outras para atrelar seu sentido ao encadeamento infinito de falas” (TEDESCO, 2003, p. 87). Desse modo, os questionamentos são justamente e facilmente exteriorizados em diluição à narração pelo foco narrativo de onisciência seletiva múltipla e pelo tipo discursivo em foco, não permitindo – reiterando a análise anterior – a definição de um ponto de partida da linguagem que seja exterior ao simples discurso indireto.

Outro ponto essencial em ambos os trechos destacados e suas respectivas análises focalizadas é a questão da ênfase na cena, ou seja, o discurso direto é suprido para que, sob a influência realista da época, haja maior descrição e destaque sobre a ambientação e a situação da personagem, já que, apesar de apresentar um aspecto subjetivo, este não busca ser a tese ou o fim do escrito de Flaubert, tão-somente um mecanismo e uma composição para a narrativa ser contínua e a mais descritiva possível – asseverando o *detalhismo* da escola literária francesa em voga no século XIX.

Desse modo, constata-se, para além da clara presença desses mecanismos, o objetivo de sua utilização, a saber, de diluir os discursos direto e indireto em apenas um, tornando ambígua a narração e intercalando a fala do narrador e da personagem em uma única com foco prioritário de descrição da cena e da situação, posto que o Realismo busca detalhar ao máximo para que esta descrição possa, em sua concepção, ser feita com sucesso.

Finda-se com a compreensão de que tais aspectos estilísticos referentes ao tipo discursivo e ao foco narrativo são reflexos do estilo literário em voga na França do século XIX e de seus objetivos como tal, a saber, o Realismo.

Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamin; PASCHOALIN, Maria Aparecida. *Realismo ou Naturalismo (1965-1900)*. História Social da Literatura Portuguesa. 4ª. ed. São Paulo: Ática, 1994. Cap. 6. p. 98-121.

FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998. Tradução de Sérgio Duarte.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In MAINGUENEAU, Dominique. *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-29.

MOISÉS, Massaud. *Realismo (1865-1890)*. In MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 219-233.

ROSA, Nataly Gurniski; SOUZA, Adalberto de Oliveira. Estilística: as novas formas de discurso relatado adotado pela modernidade literária. *CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS*. 3, 2007, Maringá. Anais... Maringá, 2009, p. 761-768.

TEDESCO, Silvia. A natureza coletiva do elo linguagem-subjetividade. *Psicologia: teoria e pesquisa*, Brasília, v. 19, n. 1, p. 85-89, 2003.